

# TIAGO TOY

NÃO SE PREOCUPE, MAMÃE  
FICAREMOS BEM



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Não Se Preocupe, Mamãe.  
Ficaremos Bem**

**Tiago Toy**

**2013**

O nome real é proibido mencionar, assim como sua idade. Nasceu por engano em uma cidadela no interior de SP. Já atuou, desenhou, dançou e cantou. Em 2009 foi para capital em busca de seu destino com 50 reais e 30 miojos na mochila. Seu primeiro livro, Terra Morta, surgiu em 2008 na web e arrebanhou uma fervorosa legião de fãs. Atualmente se empenha em virar um escritor famoso, ou, pelo menos, famoso. Adora capuccino, queijo quente, dias frios e sente saudades de sua família, inclusive de sua gata Miyuki. Não gosta de barulho nem de pessoas efusivas. Tem certa dificuldade em dialogar conclusivamente...

Conheça o trabalho de Tiago Toy em <http://terra-morta.blogspot.com.br/>

**© 2013 Tiago Toy**

**Todos os direitos reservados**

*Edição:* Tiago Toy

*Capa:* Tiago Toy

<http://terra-morta.blogspot.com.br/>

[tiago.toy@hotmail.com](mailto:tiago.toy@hotmail.com)

[www.facebook.com/tiagotoy](http://www.facebook.com/tiagotoy)

<http://www.facebook.com/terramortaoficial>

twitter: [@tiago\\_toy](https://twitter.com/tiago_toy)

O cheiro do *Meatloaf* inundava a cozinha.

Carmen deixou o catálogo sobre a bancada e abriu o forno. Estava no ponto. Vestindo a luva protetora, puxou a assadeira e desligou o fogo.

- O jantar está pronto! – ela anunciou.

O primeiro a surgir pela porta foi Justin, um Yorkshire Terrier com uma coleirinha vermelha larga no pescoço. Os latidos eram sinal de que ele sabia que ganharia um pedaço generoso de seu prato favorito. Apesar do tamanho, o cãozinho comia como um Pitbull.

Rebecca e Antony vieram em seguida, longe do entusiasmo de Justin.

- Que caras são essas? – Carmen perguntou, já fatiando o rocambole que exalava uma fumaça deliciosa.

- Tá passando jornal há horas – Antony explicou, com cara de poucos amigos. – Vamos perder a sessão noturna do Cartoon.

Antony tinha seis anos e o mesmo cabelo ruivo da mãe cortado em tigela. A franja cobria uma testa branca e larga com uma cicatriz antiga, fruto de suas peraltices. Geralmente havia um largo sorriso com covinhas estampado no rostinho angelical cheio de sardas, mas não poder ver desenhos era o pior castigo que ele podia receber. Coçando uma das orelhinhas de abano, Antony sentou à mesa e apoiou o queixo nos bracinhos cruzados sobre a mesa.

- Tantos dias na semana e o noticiário decide se estender logo na sexta? – Rebecca não estava menos desgostosa do que o irmão. Uma chance de poder ver TV até altas horas sem se preocupar em acordar cedo no dia seguinte desperdiçada daquela forma a entristecia. – Puxa!

Rebecca era dois anos mais velha. Também tinha cabelos ruivos, longos e ondulados, e preferia mantê-los presos em uma trança sob uma coroa de princesa de plástico que só tirava na hora do banho. Os olhos verdes eram grandes e brilhantes, mas naquele momento entregavam puro desânimo.

- Nem um Meatloaf quentinho consegue colocar um sorriso nessas carinhas? – Carmen esforçava-se para animá-los. Os filhos eram tudo o que tinha. O marido a abandonara antes de Rebecca nascer. Na verdade, a segunda gravidez fora o motivo para o sumiço do homem que Carmen fez questão de esquecer o nome. O sorriso perfeito do colegial por quem se apaixonara sumira com os anos e dera lugar ao bafo de álcool. Nunca fora do tipo violento, mas responsabilidade estava fora de seu dicionário.

Carmen sempre fora a única a buscar o sustento da família. Mal terminou os estudos e entrou na equipe de enfermagem do hospital local. Perdera os pais quando era bem pequena, o que a ajudou a sempre contar consigo mesma. Sustentar o marido não era a pior parte; o que a matou foi perceber que ele não queria dividir a atenção com filhos. Sempre seria um moleque, e não fazia falta.

- Calma, Justin. Já está saindo.

O cãozinho começara a pular na perna de Carmen, sinal de que não estava gostando da demora em ter seu jantar servido. Se levasse mais um tempo, Carmen sabia que ele começaria a puxar o pano da mesa, então era melhor atender ao pequeno Yorkshire. Não escondia adorar suas birras infantis, e encorajava os filhos a tratarem-no como um igual.

Somente depois de colocar a grossa fatia do rocambole de carne na tigela de Justin Carmen pode sentar para se servir. Antes que sentisse o gosto da primeira garfada, o telefone tocou. Os filhos não levantaram os olhos nem quando ela se levantou, apenas continuaram cutucando a carne, sem apetite.

- Alô?

Era sua chefe. Desde o dia anterior estranhos ataques haviam transformado a rotina do hospital. Estava tudo de pernas para o ar e ninguém sabia o que de fato ocorria. Pessoas feridas chegavam aos montes, a maioria vítima de animais raivosos. Havia até mesmo um toque de recolher na região, mas Carmen sabia que em todo lugar existiam adolescentes dispostos a procurar encrenca. Se pudessem desobedecer as autoridades, por que não o fariam?

Julia, a enfermeira-chefe, desculpou-se mil vezes antes de pedir para Carmen tirar a folga em outra noite. Todos os enfermeiros de folga naquela noite receberam o mesmo chamado. As coisas haviam saído do controle no hospital e toda ajuda era indispensável.

- Tudo bem, Julia. Pare de se desculpar. – Carmen mantinha o tom suave por mais que quisesse suspirar. Sempre pôde contar com a superiora quando os filhos precisaram dela na hora do trabalho, e o mínimo que podia fazer era não demonstrar preferir ficar em casa, descansando. O dia anterior fora exaustivo e, pelo tom de Julia, a noite que apenas começava seria pior. – Vou chamar uma babá para as crianças e chego aí em meia hora.

Carmen ouviu o telefone emudecer após um breve agradecimento e esfregou os olhos. Se soubesse que passaria a madrugada trabalhando teria dormido à tarde. Reprimindo um bocejo, discou um número que já decorara. Não demorou a ser atendida.

- Oi, Cintia. Sou eu novamente.

- Oi, Carmen querida – falou a voz do outro lado da linha. Tinha um tom divertido, jovial. Era a única pessoa que Carmen sabia que toparia bancar a babá tarde da noite. Cintia já quebrara vários galhos para Carmen, e as crianças a adoravam.

- Você sabe que eu não ligaria essa hora se não fosse importante, não é?

- Não vai me pedir para cuidar dos meninos, vai?

- Algum problema?

- Me desculpe, Carmen, mas hoje é impossível. Nesse momento estou com o celular entre a orelha e o ombro e as duas mãos ocupadas com bandejas cheias de cerveja.

- Não acredito!

- Pois é. O Howard's acabou precisando de mim de última hora. A outra garçonete sofreu algum acidente e não veio trabalhar. O bar está tranquilo, mas você sabe que ele não funciona sem mim – disse ela, rindo.

- Que pena! Tudo bem, Cintia. Obrigada assim mesmo. Bom trabalho e boa noite.

- Se cuide, Carmen.

Após colocar o fone no gancho Carmen permaneceu parada por algum tempo, pensando em quem poderia chamar. Era tarde, e as babás precisavam ser chamadas com horas de antecedência, especialmente em uma sexta-feira. Àquela hora estariam todas curtindo a noite com seus namorados ou amigas.

E se os deixasse sozinhos? Os filhos nunca deram trabalho a ponto de não poder confiar em deixa-los sem supervisão.

A TV da sala continuava como antes, transmitindo um noticiário atrás do outro. Não podia culpa-los por preferirem desenhos àquelas notícias deprimentes. Era como se o jornal local houvesse comprado direitos totais sobre a programação. Todas as notícias envolviam a cidade e os recentes acontecidos. Quando pensavam que bastava de gente ferida, mais apareciam. Havia até rumores a respeito de uma gangue ou seita adepta de canibalismo. A que ponto o mundo chegara?

Carmen não podia dar bolo em Julia. Seu emprego era o que mantinha o conforto dos filhos. Por mais que lhe doesse, eles teriam que passar aquela noite por conta própria. Tentando se sentir menos culpada, ligou para a videolocadora e pediu que entregassem meia dúzia de desenhos. Escolheu todos do selo Disney. Que criança sã não gostaria de qualquer um dos desenhos da Disney? O garoto da entrega chegaria em dez minutos, o suficiente para que Carmen se arrumasse para o trabalho.

Quando Carmen desceu as escadas, Antony e Rebecca estavam sentados no tapete assistindo ao trailer de um desenho qualquer.

- Lembrem do que mamãe falou. O telefone do meu trabalho está na mesinha, sob o abajur. Podem ver TV até a hora que quiserem, mas não se esqueçam de desliga-la antes de dormir, nem de escovar os dentes. Deixei o rocambole cortado na geladeira caso sintam fome. E não abram a porta pra ninguém. Deixem a luz apagada e as cortinas fechadas...

- Tá bom, mãe – Rebecca interrompeu. – Ficaremos bem. Confia em mim, já tenho oito anos.

Carmen sentiu o coração do tamanho de um amendoim. Sabia que podia confiar nos filhos; o difícil era confiar no resto da humanidade.

Ajoelhando-se, abriu os braços e sorriu. Rebecca revirou os olhos e veio arrastando os pés para um abraço apertado. Antony foi mais rápido, preocupado em perder qualquer cena do DVD. Até Justin veio se despedir, abanando o toco que chamavam de rabo. Caiu de lado e ganhou algumas afagadas antes que Carmen se levantasse.

- Aqui está a chave extra – disse ela, depositando-a sobre um pequeno armário. – Mamãe ama vocês três.

- Tchau, mãe – Rebecca apressou a despedida.

Por menos que gostasse de tanta demonstração de carinho, Rebecca sabia que a mãe contava com ela aquela noite, e a amava muito para decepcioná-la. Não fariam nada além de assistir muita TV e ficar acordados até quando aguentassem.

Pela janela, a menina viu a mãe atravessar a rua e chamar um táxi. Adiante um homem parecia também chamar o táxi, mesmo após Carmen abrir a porta do carro e conversar com o motorista. O homem, cuja presença



ainda não havia sido notada por Carmen, aproximava-se do táxi a passos lentos, o braço erguido. Rebecca pensou tratar-se de algum bêbado e, por um segundo, temeu pela mãe. Felizmente viu-a entrar no veículo e fechar a porta antes que o homem a alcançasse. *Ele deve estar muito bêbado mesmo*, pensou a menina. *O carro já virou a esquina e ele continua indo na mesma direção com o braço erguido.*

Rindo por dentro, mas sentindo uma ponta de aversão para com o desconhecido, Rebecca fechou a cortina e juntou-se a Antony. O filme acabara de começar.

O filme havia terminado e Antony cantava junto com a música dos créditos. Por mais que Rebecca adorasse aquilo, não conseguia acompanhá-lo. A coroa em sua cabeça a tornava uma princesa, e princesas nunca cantariam com a TV. Crianças!

Durante o filme Rebecca havia tomado dois ou três copos de suco, e sua bexiga estava gritando. Deixou o irmão brincando de karaokê e subiu as escadas de dois em dois degraus.

Livre de todo aquele líquido, aproveitou que estava lá em cima e foi até seu quarto pegar outra almofada. Antes que alcançasse a cama, uma estranha movimentação chamou sua atenção, então dirigiu-se à janela.

Havia algumas pessoas na rua. Lembrava de ter ouvido algo sobre um tal toque de recolher e, conforme a mãe explicara, significava que ninguém devia sair de casa a partir de determinado horário. Ou seja, aquilo estava totalmente errado. No mínimo dez pessoas, homens e mulheres, vagavam por ali, sem se preocupar em distinguir calçada ou meio da rua. Pareciam bêbadas. Talvez tivessem bebido no mesmo lugar de onde o homem que seguiu o táxi viera. Seria algum baile? Rebecca sonhava com o dia em que poderia frequentar bailes e ser cortejada pelos garotos. Queria esnobar todos, mas queria estar lá. Naquele momento decidiu que não beberia nunca. Como era feio o andar de um bêbado. Arrastavam os pés e alguns haviam perdido os calçados. Os braços pendiam moles do lado dos corpos, as roupas sujas.

Uma das mulheres chamou sua atenção. Embora a iluminação fosse escassa, pôde distinguir a cabeleira farta da mulher jogada sobre o rosto.

Estaria ela enxergando alguma coisa? Deprimente.

Decidiu parar de dar ibope ao grupo alcoolizado e acendeu a luz. Não precisou procurar muito. A almofada estava caída do outro lado da cama.

*Aquele Justin deve ter puxado minha almofada de novo, pensou. Pelo menos não fez xixi nela dessa vez.*

Apagando a lâmpada, voltou à sala. A luz não ficara ligada por mais de dez segundos, mas foi o suficiente para chamar atenção de olhos que, até aquele momento, não sabiam o que procuravam.

- Vamos assistir *Mulan*, Tony?

Rebecca havia deixado o irmãozinho escolher o primeiro, e agora era sua vez.

- Não. Eu quero o *Hércules*.

- De novo filme de ação? Nós acabamos de assistir o *Corcunda*. Eu quero ver um de princesa.

- Não, sem filme de menininha – Antony bateu o pé.

- Mas não é de menina. Tem uma batalha em uma montanha de neve e tudo mais. Tem até uma avalanche que sai destruindo tudo.

Rebecca havia tocado no ponto fraco do irmão. À menção da palavra avalanche o menor arregalou os olhos.

- Sério, Becky?

- Prometo que sim.

- Então tudo bem. Mas depois vemos o *Hércules*.

Concordando com um sorriso, Rebecca inseriu o novo disco. Também não gostava de filmes de menininhas. Havia cansado de princesas que preferiam esperar os príncipes, dormindo, do que correr atrás deles. Uma princesa guerreira era o que precisava naquele momento. Sabia que Antony reclamaria até a bendita cena da batalha, mas até lá ela aproveitaria como pudesse.

O filme mal havia começado e Justin levantou num pulo. Rebecca imaginou que o cão iria até o quintal fazer xixi, mas estranhou quando ele pôs-se a latir.

- Quietos, Justin.

O Yorkshire obedeceu por poucos segundos. Girando nas patas, olhou em direção à porta da frente e tornou a latir.

- Quietos!

Rebecca arremessou uma almofada no cachorro, que desviou e aproximou-se ainda mais da porta. Entre um latido e outro cheirava a soleira e rosnava.

- Quietos, Justin! – Dessa vez foi Antony que gritou. Geralmente o menino conseguia fazer o cachorro calar-se, mas não daquela vez.

Irritado, Antony levantou e preparou-se para ir até o cão quando um barulho assustou a todos. Parecia uma batida na porta. Justin correu no mesmo instante, ganindo e sumindo no corredor. Os irmãos se encararam, os olhos arregalados. Havia alguém ali.

Rebecca colocou o dedo indicador sobre os lábios em forma de u. Antony entendeu a deixa e desligou a TV. Imóveis na escuridão, de início ouviram apenas as próprias respirações abafadas. Permaneceram quietos por um tempo que pareceu uma eternidade.

Ainda com o dedo na mesma posição, Rebecca levantou-se e, nas pontas dos pés, foi até a porta. Não alcançava o olho mágico, então encostou a orelha na madeira. Foi quando conseguiu ouvir outra coisa. Um resmungo. Era como se alguém estivesse do outro lado, a míseros centímetros, fazendo algum estranho barulho com a boca. Como se estivesse engasgado. Seria o bêbado?

Sobre o ombro Rebecca lançou um olhar interrogativo a Antony, mas um vulto na janela, sua silhueta desenhada pela luz da lua, a fez soltar um grito. Ela tentou reprimi-lo com as mãos, mas não adiantou. As pancadas na porta continuaram, intensificando-se, e a maçaneta passou a tremer.

- Becky! – Antony havia levantado correndo e abraçando a irmã.

- Calma, Tony – ela tentou tranquilizá-lo, lutando contra as lágrimas. Não podia chorar ou o irmão se desesperaria ainda mais.

Eles podiam fazer quanto silêncio quisessem; sua presença já havia sido detectada. Duas pancadas bastaram para que o vulto arrebatasse a vidraça. Antes que suas mãos puxassem e arrancassem a cortina, a dupla subia a escadaria aos tropeços.

Foram direto para o quarto de Rebecca. Antony arrastou-se para debaixo da cama, mas a menina o puxou pelo braço e ambos entraram no armário. Havia estreitos vãos na madeira que permitiam enxergar do lado de fora.

Não demorou para Rebecca dar-se conta de que devia ter trancado a porta do quarto. O medo, porém, impedia que suas pernas se movessem. Ao longe ouvia o barulho vindo da sala. Vidro sendo quebrado, batidas contínuas na porta. Lamentos ininteligíveis. Os perturbadores sons estenderiam-se por horas a fio. No fundo do armário, sob o cabideiro de roupas, Antony choramingava com as mãos pressionando as orelhas.

Antony havia dormido após soluçar por longos minutos.

Rebecca não conseguira desviar os olhos da porta escancarada por um minuto sequer. A bagunça vinda do andar inferior continuara por tempo demais. Em certo momento o telefone tocara, mas alguns gemidos e uma pancada o silenciaram. O barulho do aparelho sendo arremessado no chão foi inconfundível. Tinha certeza de que era sua mãe. Talvez não conseguir falar com eles a fizesse voltar para casa mais rápido.

Uma forte cãibra atingiu a perna de Rebecca, obrigando-a a se levantar e esticar o corpo. De repente, lembrou-se de Justin. Onde estaria o cachorro? Depois do susto, ele sumira e não dera sinal de vida. Se tivessem um cão maior, um Pastor Alemão talvez, aquela invasão já teria terminado, resultando nos intrusos sendo expulsos a mordidas. Mas um Yorkshire? Aquele pedacinho de nada não assustava nem uma rã. Ao observar o irmão dormindo, temeu pelo cão. Antony amava Justin.

Respirando fundo, Rebecca abriu o armário o suficiente para que pudesse sair, e tornou a fechá-lo. Um pé depois do outro, cautelosamente aproximou-se da porta e enfiou a cabeça no corredor. Silêncio. Com o coração acelerado, esticou o pescoço.

- Justin – chamou o mais baixo que pôde. Nada.

Lançando um olhar ao armário, esgueirou-se pelo corredor, as costas coladas à parede. Os pés deslizavam pelo carpete que nunca pareceu tão áspero. As últimas noites haviam sido quentes, mas a temperatura naquele momento era insuportável. A respiração saía de forma pesada, difícil. Uma gota de suor deslizou pela testa de Rebecca no momento em que ela alcançou o topo da escadaria.

Dali via o hall da entrada e parte da sala. Pela iluminação noturna notou alguns cacos espalhados pelo tapete. Havia um rastro indistinguível na

escuridão que estendia-se pelo assoalho como uma trilha. Era algo escuro. Pensou tratar-se de sujeira trazida de fora por Justin, e ao mesmo tempo tinha certeza que não era. Decidiu chama-lo mais uma vez.

- Justin!

O chamado saiu mais ríspido do que pretendia. Instantaneamente tapou a boca e prendeu a respiração. No mesmo instante ouviu algo que preferia não ter ouvido. Alguém estava dentro da casa e emitia um pavoroso ruído. Grunhia como um porco fuçando o chiqueiro. O pior era o som de algo sendo arrastado, seguido de arranhões. Rebecca sentiu a boca seca.

- Becky!

Talvez Antony tivesse se aproximado silenciosamente demais, ou talvez Rebecca estivesse em transe de medo, mas o toque repentino da mão sobre seu ombro fez Rebecca gritar como desejara a noite toda. Algo que não devia ter feito, ela sabia, e não adiantava tapar a boca dessa vez. Os grunhidos sumiram e deram vez a um berro que definitivamente saía do fundo da garganta de algo diabólico. Aquele som era e não era humano. O arrastar ganhou força em algum ponto abaixo da escada.

- O que foi isso? – Antony sussurrou, os olhos esbugalhados. – Eu quero a mamãe!

*Shh*, Rebecca fez com os lábios. Pregou os olhos no andar de baixo, ouvindo o som aproximar-se. Não podiam mais ficar ali. Precisavam sair e pedir ajuda.

Pegando a mão do irmão com força demais, Rebecca desceu um degrau. Engoliu em seco. Sentia Antony tremer, ouvia seus dentes batendo. Nunca sentira tanto medo. Conseguiu descer mais um degrau. A mãozinha do menor agarrava a barra da camiseta rosa da irmã. Em algum ponto da casa os gemidos continuavam. Avançando outro degrau, Rebecca avistou a chave exatamente onde a mãe havia deixado. O melhor era o armário sobre onde ela estava ficar ao lado da porta. Se fosse rápida conseguiriam sair antes que o invasor os descobrisse. Com esse pensamento venceu o degrau seguinte, e quase foi levada abaixo. Antony tropeçara, mas Rebecca fora rápida em firmar o pé e evitou um desastre. Reprendendo-o com um olhar severo, esperou para ver se a movimentação repentina atraía atenção de quem quer que estivesse ali. Os grunhidos continuavam, mas não mudaram. Ansiosa, Rebecca desceu dois degraus de uma vez e parou para escutar. Sem mudança, mas os arranhões estavam perto demais.

Precisava agir. Apertando a mão do irmão como se ele fosse entender a mensagem com aquele gesto, Rebecca acelerou o passo e desceu a escadaria de uma vez. Alcançando a chave, lutou para dominar o tremelique nas mãos. O tilintar do metal não ajudava a concentrar-se, tampouco Antony chorando com o rosto grudado em suas costas. O suor excessivo fez com que a chave escorregasse e atingisse o assoalho com um notável estardalhaço. Abaixando-se, Rebecca não conteve o olhar para trás. Foi impossível segurar o grito.

Uma mulher encarava as crianças através da cabeleira negra, desgrenhada e oleosa. Arrastava-se para fora de um cômodo como se saísse de um buraco, uma das mãos cravada na dobradiça e a outra apoiada no assoalho. Rebecca descobriu do que se tratava a trilha. Era sangue, e vinha da mulher. Sua roupa, outrora branca, exibia barro em diversas partes, mas a sujeira que mais chamava atenção eram as marcas vermelhas. Marcas de mãos. O camisão esgarçado na gola havia sido rasgado na altura da costela e exibia um ferimento nojento. Rebecca pôde sentir o cheiro do pus. A boca da mulher parecia mastigar algo, e pelo modo como o sangue esvaía-se dali devia ser a própria língua.

Assim que pôs os olhos encolerizados sobre as crianças, a boca arreganhou-se exibindo uma fileira de dentes amarelados e sujos. Os braços passaram a trabalhar mais rápido e as unhas cravavam-se na madeira, uma luta para alcançar aquelas duas criaturinhas tão vulneráveis. Cega pelo medo, Rebecca esqueceu completamente da chave e pôs-se a correr pelo outro lado puxando Antony atrás de si.

Atravessando um longo corredor chegaram à cozinha e Rebecca acendeu a luz. O latido de Justin ecoou. Vinha de fora da casa. Antony precipitou-se até a porta e abriu a passagem inferior que o cãozinho utilizava para entrar e sair quando bem entendesse. Lá estava ele, apoiado sobre as patas traseiras e raspando as unhas na cerca de madeira. Uivava para o alto como se pedisse socorro.

- Justin – Antony chamou, a cabeça através da passagem.

O Yorkshire virou a cabecinha no instante em que ouviu a voz do dono. Encontrando seu olhar, dirigiu-se em direção a casa. Se o rabinho fosse maior estaria enfiado entre as pernas, pois Justin andava a passos curtos, o torso encurvado e o focinho baixo. Tremia.

- Vamos, menino! Rápido!

Justin estacou. Girou a cabeça para um ponto nos arbustos e ganiu. Antes que Antony pudesse chama-lo novamente, uma figura disparou e atacou o cão. Era cinco vezes maior do que Justin, e injustamente mais forte. Através da vidraça, sobre a pia de mármore, Rebecca não teve a visão privilegiada de Antony. O garoto viu seu amado cachorrinho ser despedaçado com apenas duas chacoalhadas de uma bocarra cheia de dentes pontiagudos. O sangue espirrou antes que o único latido de dor ecoasse. A coleirinha vermelha despreendeu-se e rolou pelo gramado. Antony seguiu seu trajeto em câmera lenta. No momento em que a coleira parou, sentiu o próprio coração parar. A voz da irmã estava longe demais para ser ouvida. O último som emitido por Justin ainda ecoava em sua cabeça. Seu melhor amigo não existia mais.

Rebecca teve que puxar Antony pela camisa para que voltasse a si. A cabeça do menino abandonou a passagem para cães no exato segundo em que outra a invadia. A mandíbula fechou-se num estalo a milímetros do pescoço de Antony. Era um Rottweiler, mas estava longe da aparência de um cachorro normal. Um dos olhos não passava de um buraco vazio rasgado, assim como a orelha que pendia despedaçada e metade do pescoço onde tripas balançavam. Os latidos eram secos, forçados, quase tornando-se outro som. Sem as cordas vocais o som que escapava daquela boca mortal era infame. Pedacos de Justin mantinham-se presos entre os dentes do cão-monstro e caíam no piso à medida que ele lutava para atravessar a passagem. Rebecca tremia, mas sabia que era impossível. Ele era grande demais. O sangue gelou quando ele desistiu de forçar entrada e passou a abocanhar a beira da passagem. A menina não acreditava que a madeira fosse tão vagabunda. Bastou cravar os dentes e forçar um pouco para arrebentar um pedaço. Se continuasse naquele ritmo a porta não precisaria de chave para ser aberta.

Quase esquecendo-se do outro perigo, girou nos calcanhares. A mulher estava em pé e caminhava lentamente pelo corredor. Uma das mãos permanecia estendida em direção à cozinha enquanto a outra arrastava as unhas no papel de parede, deixando marcas por todo o caminho. À medida que avançava, a intrusa deixava escapar uma baba ensanguentada pelo assoalho. Suas juntas pareciam estalar conforme movia-se. Era como uma marionete comandada por uma entidade sobrenatural. Rebecca percebeu

que ela andava devagar, mas em um ritmo que os deixaria perto demais se não agisse rápido.

Voltando a atenção ao Rottweiler, viu que ele conseguira passar a cabeça e uma das patas pela passagem com a borda esfaçalhada. A força que empregava fazia a madeira rachada ranger. Procurando ao redor, Rebecca deparou-se com o cepo sobre a bancada central e não pensou duas vezes antes de puxar uma faca. Um cutelo. Decidida, mas com cautela, aproximou-se da porta, o que fez o cão agitar-se ainda mais. Os latidos machucavam os ouvidos das crianças. Antony mantinha as mãos pressionando os lados da cabeça de costas para o corredor, de onde a mulher se aproximava perigosamente. Rebecca ajustou a posição que segurava o cutelo e firmou a mão.

A lâmina desceu rasgando o ar. A ponta do focinho despreendeu-se do resto e caiu, seguida de um jorro de sangue. A poça formava-se na soleira da porta e o cão não dava sinais de que importara-se com o ferimento.

Rebecca cerrou os dentes e golpeou novamente. Foi a vez do olho remanescente explodir em uma bolha de sangue, espirrando nas meias da menina. Ela não deixou-se abater pela consistência pegajosa em seus pés e continuou. Nem quando sua coroa escorregou e caiu em meio à sangueira ela hesitou. A lâmina cortou várias fatias do cachorro antes que Rebecca empregasse mais força na parte de cima do crânio. De alguma forma sabia que ele não sobreviveria sem a cabeça. Era impossível!

Os golpes pararam apenas quando a dor no braço era insuportável.

Rebecca nem percebera que golpeava apenas o toco do pescoço do cão-monstro. Sua cabeça transformara-se em algo disforme caído no piso.

Rebecca esfregou os olhos e percebeu a mesma sensação pegajosa no rosto. Não importava.

Os minutos seguintes desenrolaram-se em sua cabeça como num filme.

Assim que virou-se, seu olhar encontrou o olhar de Antony. Seu rosto exibía uma máscara indecifrável. A expressão era de dor, derrota, medo e algo mais triste do que Rebecca imaginava que algum dia pudesse ver.

Antes que percebesse, a figura cambaleante destacou-se atrás do irmão.

Rebecca conseguiu puxá-lo, mas não foi mais rápida do que os dentes famintos daquela mulher-demônio. Em uma fração de segundos viu-os serem cravados no braço de Antony. O menino não gritou. Seus olhos arregalaram-se mais do que o normal e, por um momento, encontraram-se



com os da mulher. Um olhar vago, que não sabia o que era nem por que existia, mas que sabia exatamente o que fazer. Buscar por dor, única e insaciavelmente.

O cutelo afastou-a e Rebecca puxou o irmão mais uma vez, guiando-o pela passagem após empurrar com os pés o corpo duro do cachorro. Com a madeira destruída era mais fácil atravessar. Esperou que ele atravessasse completamente para abaixar-se, jogar o cutelo pra fora e sair também. Sentiu as mãos indecentes da mulher puxando sua meia, mas conseguiu desvencilhar-se sem problemas. O único ferimento que ganhou foi graças a uma farpa de madeira que rasgou sua meia e, conseqüentemente, seu pé. Nada que a impedisse de fugir dali. De relance viu sua coroa através da passagem, manchada de sangue. Era como se abandonasse um pedaço de si.

De mãos dadas com Antony, Rebecca abandonou os grunhidos da mulher e atravessou o jardim. Antony sequer lembrou-se de olhar para trás, onde jaziam os restos de Justin.

Rebecca tentava limpar o ferimento de Antony com a barra da camiseta. Por sorte agira rápido, ou a mordida poderia ter arrancado um pedaço maior. Via a dor no semblante do irmão, mas de alguma forma ele não permitia-se demonstrar. Ou não conseguia.

- Pronto, Tony! Nos livramos dela. Agora nós vamos até o hospital e mamãe vai fazer esse dodói sarar.

No fundo Rebecca tentava tranquilizar a si. Estava travando uma batalha consigo mesma. Sua vontade era chorar como um bebê, mas precisava ser forte pelos dois. Prometera à mãe que tudo daria certo, e daria.

Saindo debaixo dos arbustos, observou a rua. Estava deserta, exceto por uma figura cambaleante longe demais para representar ameaça. Fazendo o sinal da cruz, entrelaçou os dedos nos do irmão. Em seguida, alcançaram a calçada.

Antes que Rebecca desse mais um passo, ouviu. Um som peculiar aproximava-se. Era como um cântico. Primeiro imaginou tratar-se do vento, e então sentiu em seu âmago a atmosfera pesar. Pensou em voltar ao esconderijo, mas paralisou quando o primeiro surgiu. Era um homem, mas

não humano. Estava longe de qualquer coisa que já tivesse visto, até em seus pesadelos. Uma cabeça de cabelos loiros quase perdia-se em meio a uma aterradora mutação que saía da nuca e crescia como uma grande bolha de pus. Podia jurar que havia um olho entre o sangue e os músculos expostos. Não podia ser! Um olho daquele tamanho? Se realmente existisse algo assim, o que quer que ele pudesse ver seria enxergado por algo que estivesse no inferno.

Metade do corpo era humano, mas a outra roubava todos e quaisquer olhares. Completamente deformado. Um braço dominado por tumores arrastava um machado com a lâmina envolta em uma crosta de sangue seco. Rebecca sentiu a pele eriçar quando o monstro parou e o silêncio pairou. Lentamente ele girou o corpo de modo que a cabeça ficasse de frente para as crianças. Os olhos encontraram-se. Logo a presença maldosa não era exclusiva. Acostumando-se à escuridão, Rebecca percebeu vultos rastejando das sombras. Banhados pela luz da lua, grunhiam e arrastavam os pés. O tempo parou à medida que a sórdida procissão dominava o cenário. Homens, mulheres, crianças e velhos. Até mesmo animais, que abriam passagem entre o emaranhado de pernas e pés doentes. Era a marcha dos mortos. Rebecca não conseguiu mais respirar quando percebeu estar sendo analisada por todos aqueles olhos. Sentia-se nua diante de tamanha aberração.

Um braço subiu rápido e desceu, o machado soltando faíscas no asfalto, e Rebecca ouviu o grito mais assustador que alguém em juízo perfeito poderia ouvir. Um som que destruiria qualquer resquício de inocência que ela ainda pudesse possuir.

Cintia havia trancado-se em um cômodo qualquer. Não conseguia enxergar nada com aquela escuridão. Os sons hediondos ecoavam lá fora, e só a faziam tremer mais. Era sempre positiva, mas naquele momento duvidou que escaparia dali com vida.

Um som repentino dominou o apertado cômodo. Antes que chamasse atenção indesejada, Cintia levou a mão ao bolso e puxou o celular. A luz do aparelho parecia intensificar-se no breu. Atendeu, mas não sem antes ler o nome no visor: *CARMEN – CASA*.

- Alô? – disse ela, e ouviu o pedido de socorro, uma voz infantil do outro lado.